



PERFIL E CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DOS ATLETAS BRASILEIROS NA MODALIDADE PARA SKI CROSS COUNTRY

MUNSTER, Mey de Abreu van¹; HAIDAR, Gustavo²; MARCO, Felipe Guimarães³;
RIBELA, Leandro⁴; COELHO, Welson Luciano⁵; PEREIRA, Taylor Brian Lavinsky⁶.

Eixo Temático: Esporte e educação paralímpica

RESUMO

O Para Ski Cross Country (PSCC) é uma modalidade paralímpica de inverno que consiste na participação de atletas com deficiências físicas e visuais agrupados em diferentes categorias, conforme critérios de avaliação clínica e funcional específicos. O presente estudo teve como objetivo analisar o perfil e a classificação funcional de atletas brasileiros que têm representado o Brasil em competições internacionais de Para Ski Cross Country. Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal, cujos dados foram obtidos por meio de análise documental. Para tanto, recorreu-se aos dados disponíveis nos registros da Confederação Brasileira de Desportos na Neve e nos formulários de classificação dos atletas da World Para Nordic Skiing. A amostra foi constituída por 10 atletas de PSCC internacionalmente classificados no período compreendido entre janeiro de 2017 e agosto de 2019. Após tabulação dos dados em planilha Excel, verificou-se a participação de atletas com deficiência física acometidos por diferentes etiologias (causas congênitas, traumas e doenças), sendo a maioria do sexo masculino, com idade média de 26,5 anos, sendo dois participantes na categoria *Standing* (em pé) e oito participantes na categoria *Sitting* (sentado), entre outras variáveis que serão detalhadas a seguir.

Palavras-chaves: Esporte Paralímpico de Inverno. Para Ski Cross Country. Classificação Funcional. Deficiência Física. Deficiência Visual.

¹ Doutor em Educação Física, UFSCar, São Carlos – SP, munster.mey@gmail.com

² Graduado em Educação Física, CBDN, São Paulo - SP, gustavo.haidar@cbdn.org.br

³ Graduado em Educação Física, CBDN, São Paulo - SP, felipe.marco@cbdn.org.br

⁴ Coordenador Técnico PSCC, CBDN, São Paulo – SP, lribela@yahoo.com

⁵ Graduado em Educação Física, UFSCar, São Carlos – SP, wel.coelho@gmail.com

⁶ Mestre em Educação Especial, UFSCar, São Carlos – SP, taylor.uesc@gmail.com



INTRODUÇÃO

Embora existam registros anteriores indicando a prática do esqui nórdico por pessoas com deficiências, o Para Ski Cross Country (PSCC) surge pela primeira vez nos Jogos Paralímpicos de Inverno em 1976, na Suécia (WPNS, 2018). As competições na modalidade envolvem provas de sprint, distâncias curtas, médias e longas, sendo organizadas em categorias por gênero e classe esportiva. Os atletas com limitações físicas e visuais são agrupados em classes esportivas conforme parâmetros estabelecidos por avaliações médica e funcional. A classificação funcional consiste em avaliar atletas com diferentes tipos e níveis de impedimentos, visando determinar a elegibilidade e a participação em condições equânimes nas competições de PSCC (WPNS, 2017). Os atletas com deficiência visual podem competir sendo orientados por guias videntes; os atletas que possuem deficiência física podem competir nas categorias *Standing* (em pé) ou *Sitting* (sentado), subdivididas em classes conforme o nível de funcionalidade de cada indivíduo (COELHO et al., 2018). O PSCC é regulamentado pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC) e seu subcomitê denominado World Para Nordic Skiing (WPNS).

Desde a primeira participação de um atleta brasileiro na Copa do Mundo realizada na Finlândia em 2012, o Brasil vem sendo sistematicamente representado em eventos esportivos internacionais de PSCC. Nos últimos anos, o Brasil tem obtido resultados surpreendentes para um país iniciante na modalidade, sobretudo devido à possibilidade de iniciação e treinamento por meio do Rollerski.

O Rollerski envolve técnicas que emulam a prática do esqui nórdico sobre rodas, em piso asfáltico, permitindo que os praticantes desloquem-se em percursos com variações de relevo (aclives, declives e curvas) que possibilitam grande aproximação com a modalidade na neve (PEREIRA et al., 2018). Assim como o PSCC, mediante algumas adaptações, a prática do Rollerski pode ser acessível a pessoas com deficiências físicas e visuais. Além de disseminar o Rollerski e o PSCC no Brasil por meio de diversas iniciativas, a Confederação Brasileira de Desportos na Neve (CBDN) tem incentivado a participação e o envolvimento de atletas com deficiências na modalidade.

Em 2018 e 2019 foi registrado um número crescente na participação de atletas com deficiências ao longo das várias etapas do Circuito Brasileiro de Rollerski, promovidas pela CBDN. Com o intuito de monitorar o desenvolvimento do PSCC no país e identificar as características dos participantes envolvidos na prática dessa modalidade, o objetivo deste trabalho foi analisar o perfil e a classificação funcional de atletas brasileiros que têm representado o Brasil em competições internacionais de Para Ski Cross Country.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal, cujos dados foram compilados e tratados por meio de análise documental.



Como fontes de dados, recorreu-se aos registros disponíveis no arquivo da Confederação Brasileira de Desportos na Neve e nos formulários de classificação da World Para Nordic Skiing, o que assegura a confiabilidade das informações, evidenciando a fidedignidade e a validade interna do estudo. Segundo Marconi e Lakatos (2003), esse tipo de registro caracteriza-se como fonte primária de informação, ou seja, dados que não receberam tratamento analítico anterior, configurando-se como acervo típico de um estudo documental.

A amostra foi constituída por dez atletas de PSCC internacionalmente classificados no período compreendido entre janeiro de 2017 e agosto de 2019, durante os seguintes eventos esportivos chancelados pelo IPC: Para Nordic World Cup - Western Center (Ucrânia, janeiro de 2017), Para Nordic World Cup - Canmore (Canadá, dezembro de 2017), Para Nordic World Cup - Vuokatti (Finlândia, dezembro de 2018), e I Campeonato Brasileiro de PSCC na América do Sul (Ushuaia/Argentina, agosto de 2019).

A síntese da caracterização dos participantes encontra-se indicada no quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes.

Atleta	Gênero	Idade	Causa Deficiência/ Etiologia	Classe Funcional
A 1	Fem.	28	Trauma/Lesão Medular L3-4	LW11
A 2	Masc.	18	MFC/Amputação Abaixo do Cotovelo D	LW8
A 3	Masc.	17	Artrogripose Múltipla Congênita	LW11,5
A 4	Masc.	26	Tumor/Amputação Acima do Joelho D	LW12
A 5	Masc.	24	Poliomielite	LW12
A 6	Masc.	21	Trauma/Lesão Medular T10	LW11,5
A 7	Masc.	30	Trauma/Lesão Medular T5-6	LW10
A 8	Masc.	37	Trauma/ Lesão de Plexo Braquial D	LW6
A 9	Masc.	23	Trauma/Amputação Acima do Joelho E	LW12
A 10	Masc.	41	Poliomielite	LW11,5

Fonte: elaborado pelos autores.

As informações extraídas do arquivo de cada um dos atletas foram tabuladas em planilha Excel e os dados submetidos à análise quantitativa e descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os 10 atletas brasileiros de PSCC que passaram por classificação internacional, apenas A10 não se encontra atualmente ativo na modalidade, tendo sido o primeiro atleta a representar o país em um evento internacional.

Em relação ao gênero, a maioria dos atletas (n=9) pertence ao sexo masculino, sendo A1 a única representante do sexo feminino em competições internacionais⁷. Apesar de ser a única representante feminina nas competições internacionais, A1 detém

⁷ A CBDN possui registro de outras participações femininas nas competições nacionais.



a quinta posição no ranking feminino (categoria *Sitting*) da WPNS (2019), com 78.04 pontos na modalidade.

Os atletas encontram-se na faixa etária compreendida entre 17 e 41 anos, sendo a idade média dos participantes igual a 26,5 anos, e a mediana correspondente a 25. A3 é o atleta mais jovem da modalidade e detém a 13ª posição no ranking masculino (categoria *sitting*) da WPNS (2019), com 47,52 pontos na modalidade. A10 é o atleta com idade mais avançada e pioneiro da modalidade no Brasil.

Todos os atletas participantes do estudo apresentam deficiências físicas, não tendo sido registrada, até o momento, a participação de atletas com deficiência visual em competições internacionais⁸.

Entre os fatores que ocasionaram a deficiência física, observa-se a prevalência de trauma (50%), sendo cinco causadas por acidentes (A1, A6, A7, A8 e A9), três decorrentes de doenças (A4, A5 e A10) e duas de origem congênita (A2 e A3). Verifica-se que a maioria das deficiências (80%) foi adquirida.

Entre as etiologias, foi possível identificar a ocorrência de: Lesão Medular (n=3); Amputação (n=3); Poliomielite (n=2); Artrorribose Múltipla Congênita (n=1); Lesão de Plexo Braquial (n= 1).

Dois participantes (A2 e A8) competem na categoria *standing* (n=2), sendo um deles pertencente à classe LW6 e outro pertencente à classe LW8. As classes LW 6 e 8 correspondem a atletas que possuem comprometimentos em apenas um dos membros superiores, sendo a perda funcional de LW8 correspondente à ausência ou perda funcional abaixo da articulação do cotovelo e LW6 acima desta articulação.

A maioria dos atletas (80%) compete na categoria *sitting* (n=8), sendo um na classe LW10 (A7), um na classe LW11 (A1), três na classe LW11,5 (A3, A6 e A10) e três na classe LW12 (A4, A5 e A9). De forma geral, a classe LW12 comporta atletas com comprometimento(s) em um ou nos dois membros inferiores, e as demais (LW 10 a LW 11,5) envolvem perdas funcionais também no tronco.

Observa-se o envolvimento de atletas iniciantes e veteranos na modalidade, cujo tempo de prática varia de seis meses a quatro anos. Curioso destacar que o atleta com mais experiência na modalidade (A3) e com o maior número de participação em competições internacionais é também o mais jovem.

Independente da naturalidade, todos os atletas encontram-se treinando no estado de São Paulo. Cabe destacar que o estado de São Paulo conta atualmente com cinco pólos de iniciação e treinamento de PSCC fomentados pela CBDN: São Paulo, Jundiá, São Carlos, Santos e Caraguatatuba. Além do PSCC, a maioria dos atletas pratica outras modalidades esportivas, tais como Atletismo, Natação, Halterofilismo, Handebol em Cadeira de Rodas, Triátlon, Mountain Bike e Hand Cycling. Atualmente, seis dos atletas classificados internacionalmente recebem incentivo financeiro (bolsa-atleta) para dedicação ao esporte, sendo três dessas bolsas obtidas por meio de resultados no PSCC e três decorrentes do desempenho destacado em outras modalidades.

⁸ A CBDN possui registro da participação de atletas com deficiência visual nas competições nacionais.



De acordo com o Ranking Internacional de PSCC fornecido pela WPNS, referente à pontuação dos atletas no mês de setembro de 2019, os atletas brasileiros encontram-se entre a 5ª e 38ª colocação (WPNS, 2019).

CONCLUSÕES

Apesar da pouca tradição cultural do PSCC no Brasil (em relação a países do hemisfério norte) pela própria ausência de neve, e da recente participação em competições internacionais, os atletas brasileiros, mediante suporte institucional da CBDN, têm obtido resultados promissores nos eventos esportivos da modalidade.

Os desafios atuais para expansão da modalidade centram-se em quatro principais aspectos: 1. aumentar a representatividade feminina na modalidade; 2. incentivar maior participação de pessoas com deficiência visual; 3. ampliar o envolvimento de atletas com deficiência física na categoria *standing*; e 4. expandir os pólos da modalidade para outros estados e regiões brasileiras.

REFERÊNCIAS

CBDN. **Para Ski Cross Country**. São Paulo, SP: Confederação Brasileira de Desportos na Neve. Disponível em: <<http://www.cbdn.org.br/esportes-de-neve/para-cross-country/historia-do-para-cross-country/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

COELHO, W. L.; PEREIRA, T. B. L.; HAIDAR, G.; RIBELA, L.; MUNSTER, M. A. V. Formação de classificadores funcionais no Para Ski Cross Country: primeiros registros no Brasil. Suplemento - **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.24, n.6, p.80, 2018.

MARCONI, M. A.; L., E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PEREIRA, T. B. L.; COELHO, W. L.; RIBELA, L.; ALVES, F. C. O.; MUNSTER, M. A. V. Do asfalto à neve: a transição do Rollerski ao Para Ski Cross Country na perspectiva de atletas brasileiros. Suplemento - **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.24, n.6, p.69, 2018.

WPNS. **World Para Nordic Skiing Classification Rules and Regulations**. Bonn, Alemanha: WPNS, 2017. Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/170803114654801_World%2BPara%2BNordic%2BSkiing%2BClassification%2BRules%2Band%2BRegulations_0.pdf>. Acesso em 25 ago. 2018.

WPNS. **Para Nordic Skiing Rankings – September 2019**. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/nordic-skiing/rankings>>. Acesso em 18 set. 2019.